

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Escala 6x1 vira peça central



EMARISTO SA/AF/IC

No segundo turno, a jornada de trabalho deixa o Congresso e entra definitivamente na campanha presidencial. A discussão sobre o fim da escala 6x1 volta ao Senado em um momento politicamente sensível: depois do primeiro turno das eleições presidenciais e com Lula (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) disputando o eleitorado para a segunda etapa. A PEC 221/2019, que deverá ser discutida no plenário, reduz a jornada máxima de 44 para 40 horas semanais, estabelece dois dias de repouso remunerado e impede a redução salarial. Para ser aprovada precisa de 49 votos favoráveis, em dois turnos. A pauta, portanto, passou a ter dois endereços: o Senado e a campanha eleitoral. E a diferença de discurso entre os dois candidatos é bastante clara.

Direito social e bandeira eleitoral

Para Lula, o fim da 6x1 representa uma atualização das relações de trabalho e uma bandeira de forte apelo junto ao eleitor que vive a rotina de seis dias trabalhados para apenas um dia de descanso. O presidente e candidato à reeleição passou a cobrar publicamente que Flávio Bolsonaro declare seu voto e oriente a bancada do PL a apoiar a proposta.

Liberdade de escolha

Já Flávio Bolsonaro procura deslocar a discussão para outro eixo. Em vez de uma redução constitucional e uniforme da jornada, defende uma alternativa associada à chamada PEC 12, apresentada pelo senador Rogério Marinho. O modelo permite contratos por hora, com remuneração e direitos proporcionais ao tempo trabalhado.

Empresário calcula a conta

Para o trabalhador submetido à 6x1, a percepção tende a ser bastante concreta: dois dias de descanso significam mais tempo para família, lazer, estudo e recuperação física. Empresas que precisam funcionar sete dias por semana terão de reorganizar escalas e, em alguns casos, contratar mais trabalhadores. É justamente essa preocupação que aparece com força no setor produtivo gaúcho. A Fiergs afirma que 66,9% dos vínculos formais no Estado têm jornadas superiores a 40 horas semanais, aproximadamente 2,1 milhões de empregos. Na indústria de transformação, o percentual chega a 92,4%. A entidade estima que uma redução para 40 horas poderia provocar queda de 5,4% no PIB gaúcho e afetar potencialmente 47,2 mil postos formais – números que representam uma estimativa da Federação e são contestados no debate político e econômico.

Campanha de Lula focará nas 30 maiores cidades do RS

Edegar Pretto é um dos coordenadores da campanha à reeleição



Marcus Meneghetti

marcusv@jcrs.com.br

A campanha à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deve se concentrar nas 30 maiores cidades do Rio Grande do Sul no segundo turno da eleição presidencial. A estratégia foi alinhada após uma reunião nesta quinta-feira na sede estadual do PT, onde as lideranças gaúchas de diversos partidos de centro-esquerda lotaram o auditório para discutir os próximos passos.

O primeiro turno da eleição presidencial terminou com Flávio Bolsonaro (PL) em primeiro lugar, com 47,03% dos votos válidos. Lula ficou em segundo lugar com 45,16%.

Segundo um levantamento do cientista político Marco Antonio Faganello, o Rio Grande do Sul foi o terceiro estado onde Lula perdeu mais votos. O petista diminuiu 6,6% da votação em relação ao primeiro turno de 2022, aponta o estudo divulgado pelo cientista político em seu perfil na rede social X.

Apesar desse cenário, os líderes partidários estavam confiantes em uma reviravolta no segundo turno. “Temos condições de fazer uma grande virada”, disse o coordenador da campanha do presidente no Estado, Edegar Pretto (PT), ao abrir os trabalhos na reunião.

Para viabilizar a “grande virada”, os atos políticos vão se concentrar em algumas regiões específicas. “Teremos campanha em todo o território do Rio Grande do Sul,

mas priorizando as 30 maiores cidades, a Região Metropolitana de Porto Alegre, o Vale dos Sinos e os municípios da Metade Sul, como Santa Maria. A mobilização vai ter uma intensidade maior”, projetou Pretto.

A coordenação de campanha do presidente avalia que, nessas localidades, há mais possibilidade de virar votos de Flávio para Lula. Além disso, há o entendimento de que existe uma chance maior de persuadir o eleitorado que não se posicionou no primeiro turno (incluindo votos brancos, nulos ou abstenções).

Segundo Pretto, o presidente Lula pode vir a Porto Alegre durante o segundo turno da campanha. “Tem chance de o presidente vir a Porto Alegre. Ele vai intensificar ainda mais as agendas dele, porque quer dar uma repassada pelo Brasil, olhando aonde ele ajuda a fazer uma maior reversão de votos.”

Além disso, Edegar Pretto – que participou de uma reunião de Lula com apoiadores em Brasília nesta quarta-feira – acredita que a participação de Lula nos debates do segundo turno vai ajudar a virar vo-

tos no Estado.

“O presidente Lula vai participar dos debates. Como ele mesmo disse, agora é no tête-à-tête. O presidente quer participar do maior número de debates. Pelo menos, essa foi a disposição colocada pela coordenação nacional da campanha”, projetou Pretto.

O encontro reuniu no mesmo auditório a candidata derrotada ao Palácio Piratini Juliana Brizola (PDT), o vice Edegar Pretto, os candidatos derrotados ao Senado, Manuela d’Ávila (PSOL) e Paulo Pimenta (PT). Os três últimos devem coordenar a campanha de Lula no Estado. Pretto e Pimenta participaram de uma reunião de Lula com apoiadores em Brasília nesta quarta-feira.

Outros parlamentares eleitos também compareceram ao encontro. Entre eles, a deputada federal reeleita Fernanda Melchionna (PSOL), que foi a segunda candidata à Câmara dos Deputados com maior votação no Rio Grande do Sul, com quase 280 mil votos; e o professor e youtuber Humberto Mattos (PCdoB), que se elegeu pela primeira vez a deputado estadual.

MARCUS MENEGHETTI/ESPECIAL/JC



Encontro reuniu lideranças da esquerda gaúcha para traçar rumos

PT muda coordenação e coloca políticos do Nordeste

O presidente Lula (PT) decidiu incorporar três aliados para integrar a comunicação de sua campanha, após uma série de atritos internos e frustrações do petista com a coordenação de sua equipe. Agora, o time passa a ter na linha de frente Camilo Santana, do Ceará, Jaques Wagner e Rui Costa, ambos da Bahia.

Na quarta-feira, o petista disse que esta é a menos organizada de suas disputas presidenciais, em fala feita para a militância com a presença do atual coordenador de cam-

panha, Edinho Silva, um dos principais alvos de críticas internas.

Hoje, a equipe está sob o comando dele e do ministro da Secretaria de Comunicação (Secom), Sidônio Palmeira. “Acho que nós fizemos uma campanha aquém da minha possibilidade. Acho que a gente poderia ter feito mais. Eu disse para o Edinho que essa foi a campanha menos organizada que eu participei desde 1989. E normalmente a gente colhe aquilo que a gente planta”, declarou Lula no evento de quarta-feira.

A reta final da disputa presidencial expôs mais problemas e críticas internas à equipe de comunicação. Aliados elencam problemas como atrasos na distribuição de materiais aos estados, falta de conteúdos mais incisivos contra Flávio no início da campanha e interferências da primeira-dama, Janja, nas decisões.

Ao longo dos dias, parte do entorno do petista já sugeria que nomes como Camilo Santana e Geraldo Alckmin (PSB) tivessem maior influência na campanha.

Desde 1980 protegendo
a inovação para você
construir o futuro.

SKO
OYARZÁBAL
MARCAS & PATENTES S/C
Ética ■ Dinamismo ■ Confiabilidade

in @ f www.sko.com.br | 51 3342.9323